

Pessoa ortônimo e Ricardo Reis: tanto lá quanto cá, ainda assim, nem cá nem lá...*

*Marcelo Antônio Ribas Hauck***
*Miriele Pacheco França Costa***

RESUMO

Este texto tem o objetivo de discorrer acerca da questão do sujeito literário a partir da análise de alguns poemas de Fernando Pessoa ortônimo e de algumas odes de Ricardo Reis, apontando confluências entre os textos de ambos.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; Linguagem; Poesia; Ricardo Reis; Sujeito literário.

Nunca escrevi senão para dizer que jamais fiz nada, que nada poderia fazer e que, ao fazer alguma coisa, na realidade eu não fazia nada. (Maurice Blanchot)

Autores como Eça de Queirós, José Saramago, Almeida Garrett e vários outros foram e são peças importantes na escrita da literatura portuguesa. Dentre os autores de destaque encontra-se Fernando Pessoa, escritor que figura entre os grandes representantes dessa literatura. É sobre esse exímio escritor e suas criações que propomos algumas discussões neste trabalho.

* Trabalho final do curso "Fernando Pessoa e o surgimento do sujeito literário" ministrado no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas pela Profa. Dra. Lélia Parreira Duarte, no 1º semestre de 2006.

** Mestrandos em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas.

Fernando Pessoa é o poeta do verbo “ser” e de seus desdobramentos. Sua singularidade paradoxal é ser tantos e nenhum completamente, explodindo num desespero metafísico, que nos deixa com a respiração suspensa, sem saber quem é Fernando Pessoa.

Escrever sobre Fernando Pessoa leva à inevitável indagação sobre a questão da identidade. Identidade essa multifacetada em eus, identidade que não é possível apreender, pois se sustenta na falta. É justamente tal falta que move Pessoa em sua obra literária; essa falta é estruturante na medida em que funciona como uma mola mestra para a composição de toda a sua poesia.

A obra de Fernando Pessoa é uma “experiência da alteridade absoluta” (PERRONE-MOISÉS, 1982, p. 3); pois ao explodir em heterônimos ela circunda a falta, em vez de apenas falar sobre ela. Essa multiplicação de eus: Alberto Caeiro (mestre bucólico), Ricardo Reis (um neoclássico estóico), Álvaro de Campos (um poeta futurista), Bernardo Soares (semi-heterônimo) e Pessoa ortônimo são formas de falar de um sujeito que se toma sempre por um outro; assim temos um “sujeito estourado em mil sujeitos, para se tornar um não-sujeito” (PERRONE-MOISÉS, 1982, p. 12).

A produção literária pessoana é extensa, portanto faz-se necessário um recorte que procurará enfocar a questão do sujeito literário em algumas das odes e alguns dos poemas de dois dos sujeitos de Fernando Pessoa: Ricardo Reis e Pessoa ortônimo.

RICARDO REIS: SUJEITO COMO SIGNIFICANTE DA FALTA...

Ricardo Reis nasceu em 1887, não me lembro do dia e mês (mas tenho-o algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil (...) É um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mais seco [que Alberto Caeiro]. (...) de um vago moreno mate (...) Foi educado num colégio de jesuítas, é, como disse, médico: vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espon-

taneamente por ser monárquico. É um latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria. (Carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro)

Ricardo Reis é, em pleno século XX, representante da poética clássica e do paganismo. Adepto do pensamento alto e defensor de teses estóico-epicuristas, Reis prega a indiferença solene do homem diante do arbítrio e do poder dos deuses, diante do destino inelutável e da morte como termo definitivo de toda vida. Inerme em face de tais forças, segundo ele, cabe ao homem apenas a sabedoria de viver a vida de forma equilibrada e serena, sem desassossegos grandes e também sem grandes alegrias, já que tudo passa e tudo perde o sentido diante da morte inevitável.

Assim, o que importa é somente a experiência desapegada do momento presente e de pequenos prazeres, que não deixam traço nem saudade e, portanto, não são capazes de provocar nenhum abalo ou desvio descentrador.

Os poemas de Reis são odes que, segundo o dicionário Houaiss (2001), são textos líricos de tom alegre e entusiástico, cantados pelos gregos ao som de cítaras ou flautas, em estrofes regulares e variáveis e possuem uma linguagem clássica. O poeta Reis usa um vocabulário erudito e, muito apropriadamente, seus poemas são metrificados e apresentam uma sintaxe rebuscada. As odes de Reis, como as de Píndaro, recorrem sempre aos deuses da mitologia grega. Esse paganismo, de caráter erudito, afirma que os deuses estão acima de tudo e controlam o destino dos homens.

Ricardo Reis apresenta-se então como um sábio que tem lições a transmitir; já que a morte é tão certa e tão definitiva, o importante é estar sereno e satisfeito e conter sempre o desejo, fonte de todos os males. Por isso ele aconselha a sua repressão, que se refere também ao desejo amoroso, o que se pode comprovar pelo trecho da ode:

ODE 315

[...] Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cançarmo-nos.
Quer gosemos, quer não gosemos, passamos como o rio.
Mais vale saber passar silenciosamente
E sem desassocegos grandes.

Sem amores, nem odios, nem paixões que levantam a voz,
Nem invejas que dão movimento de mais aos olhos,
Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria,
E sempre iria ter ao mar.[...]¹
(PESSOA, 1994, p. 98)

Nessa ode fica explícito o fato de que não vale a pena viver intensamente, pois independente do que se faça o fim é o mesmo: a morte. Sendo assim, o poeta metaforiza essa mensagem através do rio que sempre vai ao encontro do mar; será melhor não ter desassossegos e “passar silenciosamente”, percebe-se um tom entediado nesse refletir sobre a vida.

É interessante observar o amoldamento dos versos de Ricardo Reis a essa filosofia, pois também eles são contidos, racionais, equilibrados, curtos. Assim, adequam-se à expressão das sensações e das emoções reprimidas; sua construção sintática, de inspiração clássica, reflete a racionalização do poeta e o predomínio da elaboração consciente em sua poesia.

Ricardo Reis seria, portanto, uma ironia de Fernando Pessoa: máscara de tranqüilidade e contenção a esconder o medo e a angústia. Observemos a ode a seguir:

ODE 413

Nada fica de nada. Nada somos.
Um pouco ao sol e ao ar nos atrasamos
Da irrespirável treva que nos pese
Da humilde terra imposta,
Cadáveres adiados que procriam.

¹ Utilizou-se, para este trabalho, a edição crítica dos poemas de Ricardo Reis, organizada por Luiz Fagundes Duarte (1994).

Leis feitas, estátuas vistas, odes findas -
Tudo tem cova sua. Se nós, carnes
A que um íntimo sol dá sangue, temos
Poente, por que não elas?
Somos contos contando contos, nada.
(PESSOA, 1994, p. 174)

De acordo com a temática da ode acima pode-se notar que o trágico lema que perpassa esse poema de Ricardo Reis é viver a vida com a nobre e aristocrática lucidez dos grandes indiferentes, que sabem que tudo tem seu fim e que tudo já está irremediavelmente traçado. Logo, o poeta, por ter consciência da morte e da inutilidade da vida, é um ser angustiado, dividido, descentrado, disperso e sem unidade. Ele é incapaz de unificar-se, sabe-se ninguém e conhece a falta de si. Trata-se de um sujeito reduzido ao nada.

Parafraseando Perrone-Moisés, o sujeito literário ou poético pode ser pensado aqui enquanto linguagem que, com a modernidade, deixou de ser vista como representação da presença para ser encarada como falta-de-ser; logo sujeito e desejo são, desde a origem, faltas. As odes de Ricardo Reis evidenciam que é preciso repreender o desejo, porém essa tentativa é frustrada, pois é inerente ao ser a falta, a ausência de completude, a angústia e a morte. A ode abaixo exemplifica essa contenção:

ODE 392
Não só quem nos odia ou nos inveja
Nos limita e oprime; quem nos ama
Não menos nos limita.
Que os Deuses me concedam que, despido
De affectos, tenha a fria liberdade
Dos pinaros sem nada.
Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada
É livre; quem não tem, e não deseja,
Homem, é igual aos Deuses.
(PESSOA, 1994, p. 168)

Nota-se nessa ode um total desejo de contenção, tentativa de desapego de qualquer sentimento, pois tanto o amor como o ódio limi-

tam; assim não há como se desvencilhar de tal opressão a não ser rogando aos Deuses. Dessa forma, surge o pedido de se libertar dos afetos e, portanto, não desejar nada, pois aparentemente só assim seria possível tornar-se livre.

Na modernidade a poesia passou a ter como temática a própria linguagem poética, sendo assim um exercício metalingüístico. De acordo com Perrone-Moisés, a partir desse movimento metalingüístico, o sujeito literário passa a ser o primeiro a desmascarar-se como falta e ausência.

Maurice Blanchot trata de forma insistente a questão do sujeito literário, sujeito que é estruturado como linguagem, pois “a palavra literária é fundadora de sua própria realidade. Essa realidade tem como característica ser obscura, ambígua, desconhecida.” (LEVY, 2003, p. 19). Assim, em seu uso literário, a linguagem desvela seu suposto poder de criar, de “fundar um mundo”. Logo, Fernando Pessoa configura sua poética fazendo uso dos heterônimos; ele sabe que o único real do poeta é o seu texto, e Ricardo Reis é um dos simulacros que se tece por uma prática extrema da linguagem, destacando que todo sujeito pessoano é ficção.

No livro *Aquém do eu, além do outro*, Ricardo Reis é considerado a “ficção da renúncia” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 91), pois através de sua racionalização congela os prazeres e reduz o desejo, mantendo-os distanciados. Reis reitera que o vazio subjetivo provoca grande angústia ao sentir individual, portanto é necessário abster-se do desejo, renunciá-lo, negá-lo. Assim, expõe que o ser só pode viver ‘bem’ quando consegue tal proeza, porém o poeta tem consciência de que a tentativa de renúncia pode ser dolorosa, por isso recorre muitas vezes aos deuses, acreditando que eles possam auxiliar o ser nessa tarefa.

Segue-se uma ode que exemplifica a consciência da impossibilidade de fixação de certezas, mostrando que é na generalização filosófica que se pode encontrar um conforto ilusório. Essa ode alude a uma marcação temporal: “agora/enquanto dura esta hora”; mesmo neste instante de (im)possibilidade de paz o eu poético sabe que não pode

“ser” completamente, contudo ainda solicita que o deixem acreditar em algo que ele jamais será, é como se precisasse viver uma ilusão mesmo que apenas por um instante. O poeta não vê esperança nem mesmo no futuro, pois tem a certeza de que ele nunca se conhecerá, nunca conseguirá produzir uma obra, nunca será alguém, ou seja, traços explícitos de incompletude, impossibilidade e vazio. Nota-se angústia, tédio e até mesmo melancolia.

ODE 399
SIM, sei bem
Que nunca serei alguém.
Sei de sobra
Que nunca terei uma obra.
Sei, enfim,
Que nunca saberei de mim.
Sim, mas agora,
Enquanto dura esta hora,
Este luar, estes ramos,
Esta paz em que estamos,
Deixem-me crer
O que nunca poderei ser.
(PESSOA, 1994, p.171)

Tatiana Salem Levy (2003) diz que, de acordo com Blanchot, a palavra literária possui dois movimentos essenciais: a negação e a realização. Movimentos que se tornam evidentes nas odes de Ricardo Reis, porque “a palavra literária só encontra seu ser quando reflete o não ser do mundo. Ela só se realiza em sua própria falta e, por isso faz dessa falta sua possibilidade” (p. 23).

Possibilidade essa que se torna evidente por meio da ambigüidade e do caráter paradoxal que caracteriza a própria linguagem literária, linguagem movediça. Assim “a obra só se torna obra quando se desobra” (LEVY, 2003, p. 24), ou seja, só se faz no seu desfazer. Logo, Blanchot em *L'Entretien infini* (1969) citado por Salem afirma que:

Desobrar exige o abandono das certezas que constituem nossa cultura e dos princípios que regem nossa história. Escrever, nesse sentido, supõe uma mudança radical de época-a própria morte, a interrupção[...].Escrever,

desse ponto de vista, é a maior violência, pois transgride a Lei, toda a lei e sua própria lei. (BLANCHOT *apud* LEVY, 2003, p. 25)

A afirmativa acima vai ao encontro da postura de Ricardo Reis; pois o heterônimo pessoano desobra suas odes, coloca em questão as certezas, vê com outro olhar, joga o leitor num mundo de estranhamento, onde não é mais possível se reconhecer. Essa impossibilidade vem acompanhada de uma enorme angústia: não há como congelar os sentimentos, conter; pois o sofrimento nos impele a experimentar o “outro de todos os mundos”. Desse modo, Reis usa seu grande poder de fingir, de enganar, tornando sua ficção não representativa de uma verdade absoluta, mas da possibilidade exacerbada da ambigüidade. Desse modo seu texto aponta para a chance de “se vivenciar o outro do mundo”.

Segundo Perrone-Moisés (1990) Ricardo Reis não se pergunta “quem sou”, mas “quem somos” (p. 91). O que traz uma diferença, pois mostra que a literatura é um não-lugar, um mundo de estranhamento, onde não é mais possível se reconhecer. Desse modo, Reis se torna mais um múltiplo heterogêneo em processo circular de significância.

Em *O espaço literário*, Blanchot afirma que “a obra exige do escritor que ele perca toda natureza, todo caráter, e que, cessando de relacionar com os outros e consigo mesmo, pela decisão que o faz eu, ele se torne o lugar vazio onde se anuncia a afirmação impessoal” (BLANCHOT, 1987, p. 58), reiterando assim a idéia de Perrone-Moisés, que mostra ser a obra pessoana marcada por esse esvaziamento.

Parece-nos perceptível, nas odes de Reis, essa impessoalidade apontada por Blanchot. O poeta carrega essa questão, no entanto é como se ela não fosse dele, apenas o perpassasse; nota-se assim um discurso sem eu, um discurso de ninguém e/ou um discurso de todos. Há então uma recusa das formas institucionalizadas pelo conhecimento, como a unidade, a identidade, o mesmo, a presença. Na ode que se segue, a questão que o poeta carrega é da morte, seu discurso é de ninguém e/ou de todos que se contentam com o mundo, e ao beber não se recordam da fragilidade que é a vida. “Ele sabe fazer que a cor do vinho

esconda isto”, porém sabe que a morte é inevitável “Corta à flor como a ele/ De Atropos a tesoura”; contudo, deseja ainda adiá-la: “Que a abominável onda/ O não molhe tão cedo”.

ODE 320

Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo,
E ao beber nem recorda
Que já bebeu na vida,
Para quem tudo é novo
E imarcescível sempre.

Coroem-no pâmpanos, ou heras, ou rosas volúteis,
Ele sabe que a vida
Passa por ele e tanto
Corta à flor como a ele
De Atropos a tesoura.

Mas ele sabe fazer que a cor do vinho esconda isto
Que o seu sabor orgíaco
Apague o gosto às horas,
Como a uma voz chorando
O passar das bacantes.

E ele espera, contente quase e bebedor tranqüilo,
E apenas desejando
N’um desejo mal tido
Que a abominável onda
O não molhe tão cedo.
(PESSOA, 1994, p. 102)

É importante mencionar que, “a literatura não se fixa em nada, nem a um sujeito, sua fala é essencialmente errante, móvel, se coloca sempre fora de si mesma” (LEVY, 2003, p. 29). E nesse trajeto segue Ricardo Reis, um sujeito que vê a morte como única certeza, pois tudo é transitório. Reis, aparentemente, não consegue um olhar sereno sobre o mundo, pois tem ciência e representa em sua poesia angústias e descontentamentos. Pode-se afirmar que nem a “sábua indiferença” conseguiu fazer com que ele superasse essa marca sagaz de seu tempo.

FERNANDO PESSOA ORTÔNIMO: PAI FICTÍCIO...

Quanto a Fernando Pessoa ortônimo, este segue, formalmente, os modelos da poesia tradicional portuguesa, em textos de grande suavidade rítmica e musical. Poeta introvertido e meditativo, anti-sentimental, reflete inquietações e estranhezas que questionam os limites da realidade da sua existência e do mundo. (José Linhares Filho)

A arte não é mais capaz de portar a necessidade de absoluto. (Maurice Blanchot)

Já com relação a Fernando Pessoa “ele mesmo”, o poeta, seria possível atribuímos a ele a completude, a voz mestra de todos os seus heterônimos? Seria ele a junção dos estilhaços espalhados pela sua explosão em outros eus? Segundo Perrone-Moisés (1982) – não. “[...] é preciso cessar de sorrir diante do grande mistificador, disfarçado com nomes postiços, bem a salvo num ‘ele mesmo’ reconfortante. [...] Deixemos de encarar Pessoa como o centro pleno e fixo de um círculo giratório, como o pai verdadeiro de uma linhagem falsa” (p. 12). A estudiosa afirma ainda: “Pessoa é um poeta fictício, tão irreal quanto os heterônimos que inventou” (p. 12). Fernando Pessoa ortônimo, o ser completo, criador dos seus poetas (heterônimos) que poderia ser considerado o ser da completude é, assim como suas “criaturas” um ser fictício, contraditório, que perambula no interlúdio, na interseção, na fenda (palavras sempre recorrentes em sua poesia): é um ser da falta.

Fernando Pessoa habita o entre-lugar, conforme pode-se perceber no verso a seguir. “Fui-o outrora agora” (PESSOA, 1995, p. 141). Para Perrone-Moisés (1982) este verso representa um “extraordinário ideograma do tempo coagulado” (p. 29). Acreditamos que além do tempo coagulado trata-se de um lugar coagulado, um lugar ao qual pertence e despertence esse poeta. Fui-o – verbo conjugado no tempo passado; o – pronome que distancia o narrador dele mesmo, ou seja,

foi, em um passado remoto (outrora), alguém que já não é mais, foi um outro. Palavras estas contrastadas com o agora do poema criam a sensação de estarmos lidando com um eu poético que se fixa em lugar nenhum. Foi alguém que não ele (um terceiro) que o é agora. Esse exercício de reflexão para encontrarmos de quem, de onde e de quando trata esse poema, nos remete a um lugar que não é lugar algum, tanto é lá (passado), quanto é agora (presente), no entanto não é lá (passado), nem agora (presente). O narrador foi um outro e não mais o é, sendo entretanto, hoje, aquele que foi um dia, outro. Sendo assim esse narrador encontra-se exatamente aqui e lá, e ao mesmo tempo nem aqui, nem lá. Encontra-se em lugar algum, ou melhor, em um lugar que não é lugar algum; um não-lugar. Essa falta de lugar seguro já começa a nos dar pistas da tessitura poética realizada por Fernando Pessoa. Poeta que expressa a impossibilidade da certeza, a possibilidade única da falta.

Existe um vazio na poesia pessoana mas, segundo Blanchot (2005), “o ‘vazio’ é um ‘vazio ativo’” (p. 54). Poderíamos pensar esse vazio como algo relacionado ao desejo, desejo que só é possível devido à existência da falta, da ausência. O vazio em Fernando Pessoa carece desesperadamente de ser preenchido. Para explicitarmos melhor essa questão recorreremos ao livro *A conversa infinita*, de Blanchot (2001): “[...] a questão não se prossegue na resposta, ao contrário, ela é concluída pela resposta e nela fechada” (p. 44), mas, [...] “somente a resposta, respondendo, deve retomar em si a essência da questão, que não é extinta por aquilo que lhe responde” (p. 44). Uma resposta sempre propõe novas questões e essas novas questões trarão novas respostas que estarão impregnadas de novas questões etc.

Dessa maneira, a falta nunca é preenchida completamente. A linguagem, em especial a linguagem poética, está carregada de ambigüidade e essa ambigüidade pode ser encarada como representação da falta. Fernando Pessoa utiliza essa linguagem, pois tem consciência da impossibilidade de completude. Segundo Blanchot (2005):

O que é primeiro não é a plenitude do ser, é a fenda e a fissura, a erosão e o dilaceramento, a intermitência e a privação corrosiva. Ser é não ser, é essa falta do ser, falta viva que torna a vida desfalecente, inacessível e inexprimível, exceto pelo grito de uma feroz abstinência. (p. 53)

No poema que se segue é possível averiguar essas questões:

EMISSÁRIO DE UM REI DESCONHECIDO
Emissário de um rei desconhecido,
Eu cumpro informes instruções de além,
E as bruscas frases que a meu lado vêm
Soam-me a um outro e anômalo sentido...

Inconscientemente me divido
Entre mim e a missão que o meu ser tem,
E a glória do meu Rei dá-me o desdém
Por este humano povo por entre quem lido...

Não sei se existe o Rei que me mandou.
Minha missão será eu a esquecer,
Meu orgulho o deserto em que em mim estou...

Mas há! Eu sinto-me altas tradições
De antes de tempo e espaço e vida e ser...
Já viram Deus as minhas sensações...
(PESSOA, 2001, p. 128)

Se considerarmos o Rei do poema como representação da arte ou do pensamento, encontraremos um interessante viés de leitura no que diz respeito a Fernando Pessoa e ao sujeito literário. Fernando Pessoa potencializa palavras ao jogar com a ambigüidade da linguagem poética. No terceiro e quarto versos da primeira estrofe percebemos essa impossibilidade do significado absoluto, fechado. As frases ditas pelo eu poético se transformam ao serem ouvidas por ele mesmo. Aos diversos leitores, os versos lidos se contaminam das mais diversas significações, tamanha a habilidade com a qual o poeta trabalha a escrita. A palavra e seu significado escorregadio, na poética de Fernando Pessoa, não se fecham em um único significado. Na segunda estrofe o sujeito literário encontra-se aprisionado pela impossibilidade do dizer absolutamente, completamente, representando assim a vida desfale-

cente e inexprimível mencionada por Blanchot. Ainda nos dois primeiros versos da segunda estrofe observamos a missão do artista de falar sobre algo, qualquer que seja, mas ele encontra-se fragmentado, dividido entre si mesmo e sua missão. Já na terceira estrofe percebemos que a missão do poeta – escrever – não é suficiente para completá-lo; é impossível exprimir-se absolutamente e só resta então o deserto, o oco, a falta. Na última estrofe o eu poético passa a não ter mais essa missão; tenta esquecê-la e se orgulha de tê-la esquecido, no entanto a angústia e a luta são tamanhos que “fecham” o poema, “desafirmando” aquilo que acabara de afirmar, deslocando-se novamente para o ponto em que há algo a ser dito. É o ser dilacerado, tensionado entre dois extremos, o ser do intervalo.

A única possibilidade para Fernando Pessoa era transformar sentimentos em pensamentos, pensamentos que seriam expressos através de linguagem e o que acontecia era “perda do pensamento em linguagem”, segundo Perrone Moisés (1990, p. 15). A linguagem não consegue dizer completamente. A estudiosa vai ainda nos dizer a respeito das máscaras heteronímicas criadas pelo poeta, da relação entre o Um e o Múltiplo:

esse “Um” e esse “Múltiplo” são apenas simulacros, máscaras de um ser indefinido. O “Um” de Pessoa é a primeira máscara do Vácuo-Pessoa. Essa máscara se multiplica em outras máscaras, provocando um movimento a vácuo, um movimento em falso. Como as máscaras não são os outros do Um (já que o próprio Um era apenas uma máscara do vazio). Elas não podem contribuir para a (re)constituição do Um. (p. 27)

Tomando a afirmação acima e considerando cada um dos heterônimos como máscaras, poderíamos acreditar que, ao tirarmos cada uma dessas máscaras encontraríamos Fernando Pessoa “ele mesmo”. No entanto, após a retirada da última delas, para nossa surpresa o que encontramos é o nada. O poeta dilacerado em vários já não mais se encontra, ele não é a junção de todos os outros. Mais uma vez percebemos a impossibilidade de completude, o que encontramos abaixo da última máscara será, no máximo, uma outra máscara. O sujeito se per-

deu, só o que nos resta é aquela linguagem movediça e escorregadia, a busca constante de satisfação da falta, de suprimos o desejo que entretanto é sempre seguido de outros. A angústia da incerteza, e da verdade inatingível tornam-se a única possibilidade de representação poética. O sujeito já não mais se encontra, é impossível voltar a um estado de completude (se é que esse estado algum dia existiu).

Podemos perceber em um dos poemas escritos em língua inglesa (existe uma considerável produção do poeta nessa língua, pois foi esse o seu idioma entre as idades de cinco a dezessete anos), a impossibilidade de completude ao ser retirada a última máscara; “the true mask feels no inside to the mask” (PESSOA, 2001, p. 591). Os olhos que olham através da(s) máscara(s) são olhos co-mascarados; “But looks out of the mask by co-masked eyes” (PESSOA, 2001, p. 591). Os olhos de Fernando Pessoa, na busca de obter as mais diversas possibilidades de olhares através de seus heterônimos, ao tentarem se tornar novamente olhos desmascarados, olhos do poeta “ele mesmo” já não conseguem essa proeza, pois:

quando aquele que empreendeu contornar-se a si mesmo, pelo desvio da linguagem, tenta voltar para casa, a fim de desfazer a farsa, encontra vazio o lugar onde, em princípio, alguém deveria estar. Nesse percurso o sujeito perdeu-se. “[...] Arderá em mim eternamente, inutilmente, a ânsia (estéril) do regresso ao ser”. (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 21)

Logo, é terrível essa sensação da impossibilidade de retorno; “Like a child frightened by its mirrored faces,/ Our souls, that children are, being thought-losing,/ Foist otherness upon their seen grimaces” (PESSOA, 2001, p. 591).

CONCLUSÃO

Como pudemos perceber na produção tanto de Ricardo Reis quanto do ortônimo, a poesia de Fernando Pessoa é produto do homem moderno que não tem mais a crença no absoluto. As utopias desfale-

ceram, o sujeito se sente perdido, pois não acredita mais em verdades “puras”. O absoluto está perdido para sempre. A linguagem não representa o real, mas o imaginário, pois “todo o estado de alma é uma paisagem. Isto é, todo estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem” (PESSOA, 2001, p. 101). Fernando Pessoa, ao tecer sua arte através de palavras, de poesia, tem consciência da impossibilidade da palavra como representação do real. A palavra é representação não do real, pois este é inapreensível; assim, a palavra é representação do imaginário, é fingimento; “o poeta é um fingidor” (PESSOA, 2001, p. 164). Toda palavra carrega em si uma semente que floresce em múltiplas possibilidades, assim como o sujeito da poética de Fernando Pessoa – o sujeito literário – que, ciente da impossibilidade de completude, elege a palavra artística como expressão maior da falta, da impossibilidade, daquilo que é essencial na tessitura literária, a ambigüidade.

ABSTRACT

This text aims to discuss the matter of literary being according to the analysis of Ricardo Reis’ odes and Fernando Pessoa orthonym’s poetry. It looks for confluences in their texts.

Keywords: Fernando Pessoa; Language; Poetry; Ricardo Reis; Literary being.

Referências

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Tradução Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita – A palavra final*. Tradução Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta 2001.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Tradução Heidrun K. Olinto e Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 2, p. 955-987.

LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa – alguém do eu, além do outro*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. 17. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

PESSOA, Fernando. *Poemas de Ricardo Reis*. Ed. crit. org. por Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994. v. 3.